



Trabalho 1690

MORTE E MORRER NA UTI: REPRESENTAÇÕES DE PROFISSIONAIS DE SAÚDE

Débora Rodrigues Guerra¹, Maria Francinete de Oliveira², Aurilene Lima da Silva³, Michell Ângelo Marques Araújo⁴

Introdução: A morte é tratada de modo cultural, mudando de acordo com a urbanização, modelos econômicos e sofre influências filosóficas, doutrinárias, e dos meios de comunicação dentre outros. Os profissionais que trabalham em unidade de terapia intensiva necessitam estar preparadas para enfrentar situações limites, pois em muitos casos, o fato de acreditarem que a vida de pacientes depende dos seus conhecimentos, da sua capacidade de observação e da sua atuação exata e rápida, esses profissionais sentem-se ainda mais responsáveis pela vida e ficam fragilizados frente a situações de morte e morrer, podendo, com isto, desenvolver problemas físicos e emocionais^{1,2}. Assim, resolvemos realizar o presente estudo, por compreendermos que atuar na UTI exige do profissional segurança e sensibilidade para lidar com morte e morrer, dar apoio ao ser humano que está morrendo, seus familiares, além de manter equilíbrio emocional para continuar prestando atendimento às outras pessoas que se encontram sob os seus cuidados. **Objetivo:** Aprender as representações sociais de médicos e enfermeiros que trabalham em UTI sobre a morte e o processo de morrer. **Materiais e Métodos:** Trata-se de um estudo exploratório e descritivo de natureza qualitativa à luz da Teoria das Representações Sociais de Serge Moscovici³ realizado com médicos e enfermeiros da UTI de uma instituição da rede privada da cidade de Natal – Rio Grande do Norte. A referida UTI é classificada, conforme portaria no. 3432 de 12 de agosto de 1998 do Ministério da Saúde, como sendo do tipo II e atende principalmente clientes oncológicos e cardiológicos. É composta por um total de 15 (quinze) leitos, sendo divididos em UTI cardiológica, onde existem 8 (oito) leitos individualizados para pessoas com alterações cardiológicas e clientes em pós-operatório imediato e mediato de cirurgias cardíacas, e UTI geral com 7 (sete) leitos, sendo um individual e seis coletivos a abertos para os demais clientes que necessitam de internação em UTI. Os instrumentos de coleta de dados utilizados foram o Teste de Associação Livre de Palavras, com as palavras indutoras: morte e morrer e uma entrevista semi-estruturada que foi gravada para fiel registro dos dados. Os resultados foram discutidos e analisados, utilizando a Análise de Conteúdo de Bardin. No que diz respeito aos aspectos éticos da pesquisa, seguimos as Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas envolvendo seres humanos aprovadas pelo Conselho Nacional de Saúde, Resolução 196/96. Obtivemos autorização prévia das instituições. Os(as) entrevistados(as) foram esclarecidos a respeito do conteúdo da pesquisa, e de cada participante foi solicitado seu consentimento, em conformidade às orientações Comitê de Ética em Pesquisa – CEP da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, sendo garantido o retorno das informações coletadas por meio da apresentação e publicação da pesquisa. O estudo foi registrado no CEP – UFRN sob o número 34/05. **Resultados:** Os dados mostraram que os profissionais de saúde de UTI, que lidam com a morte do outro em seu ofício, trazem para sua realidade profissional aquilo que foi absorvido durante a sua trajetória pessoal. A representação da morte e o morrer como

¹ Mestre em Enfermagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Docente da Universidade de Fortaleza, Enfermeira do Hospital Dr. Carlos Alberto Studart Gomes

² Doutora em Ciências da Saúde pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Docente da UFRN

³ Mestre e Doutoranda em Cuidados Clínicos pela Universidade Estadual do Ceará, Enfermeira do Hospital Dr. Carlos Alberto Studart Gomes

⁴ Doutor em Enfermagem pela Universidade Federal do Ceará, Enfermeiro do Hospital Dr. Carlos Studart Gomes



Trabalho 1690

evento biológico foi algo bem evidente no estudo, sendo construída a partir do ensinamento das Ciências Biológicas que todo ser vivo, nasce, cresce, reproduz, envelhece e morre. Contudo, nem todas as fases são vivenciadas por todos. Em ser tratando de humanos, sabemos que iremos morrer e esperamos que seja após o envelhecimento a fim de cumprirmos todo o ciclo citado. Quando a morte ocorre antes da velhice é considerada como quebra, uma ruptura desse ciclo, que pode acontecer em decorrência de três fatores, os quais classificamos como: naturais, sócio-ambientais e criminais. Para os participantes, a morte e o morrer do outro, o qual não se tem vínculo afetivo, pode ser considerado como algo “natural”, contudo há fatores que provocam uma mudança na construção destas representações quando se refere a mortes de crianças, mortes por violência e por fatalidades; ao serem indagados quanto ao processo de morrer na UTI, é o unânime as considerações quanto ao desejo que tal situação não ocorra consigo ou com seus entes queridos. Na nossa cultura, a religião é norteadora de assuntos que envolvem a subjetividade, o invisível, o não-palpável e remete o ser humano a acreditar em outras dimensões, outros planos, onde a vida continua após a morte, baseando-se nos “mistérios da fé”. As pessoas são orientadas a crer, incondicionalmente, sendo pregado que não precisa “ver para crer e sim crer para ver”. É importante afirmar que no decorrer das entrevistas pudemos perceber que algumas pessoas relatavam não frequentar os templos de suas religiões, nem seguir os preceitos das mesmas e, por vezes, discordar de muitos dos seus dogmas, referindo pertencer a elas devido a educação recebida ou ainda pelo fato de constranger as pessoas ao negarem possuir crença religiosa ou ser agnósticas. Ao usarmos as Representações Sociais, percebemos que por vivermos em um país, no qual as religiões são grandes formadoras de opinião, isto influencia a construção simbólica da morte e do morrer e do pós-morte. **Conclusões:** Embora a morte seja a última etapa do ciclo vital, ainda há um grande desafio em lidar com ela, mesmo quando a rotina ocupacional favorece a vivência frequente com a morte do outro e a Teoria das Representações Sociais, favorece com que percebamos a necessidade de discutirmos mais acerca desta temática a fim de tornar o não-familiar ainda mais familiar. **Contribuições para a Enfermagem:** A reflexão da morte como parte da vida para os profissionais de enfermagem é algo que deve fazer parte desde a formação à vida profissional, visto que na maioria das áreas de trabalho desta profissão, a equipe de enfermagem lida com a morte do outro e com o sofrimento daqueles que estão vivenciando um momento do luto. **Referências:** 1 Kübler-Ross E. A roda da vida: memórias do viver e do morrer. Rio de Janeiro: GMT; 1998. 2 Kübler-Ross E. Sobre a morte e o morrer: o que os doentes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos seus próprios parentes. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes; 1998. 3 Moscovici S. Representações Sociais: investigações em psicologia social. Petrópolis, RJ: Vozes; 2003. 4 Orlando JMC. UTI muito além da técnica: a humanização e a arte do intensivismo. São Paulo: Atheneu; 2001.

Descritores: morte, UTI, profissionais de saúde.

Eixo II - Interfaces da Enfermagem com práticas profissionais e populares de cuidado em saúde.